

CAFÉ CRÈME

Nunca amei Helena, mas ela estava lá. Sempre esteve. Desde o primeiro dia — o dia em que eu não a veria mais — compreendi e queria dizer que a perdoou, se pudesse. Sei que ela também sabe, mas não acredita. Não a culpo.

Flana pelo quarto um perfume bom de tabaco, das suas cigarrilhas holandesas. Não preciso vê-la para saber que está em mangas de camisa junto à janela, sentada sobre as pernas, o cabelo preso no alto, o olhar perdido lá fora enquanto enxerga aqui dentro. Helena não consegue esquecer e, por isso, só por isso, não me deixa.

Ouçó quando ela se levanta, estalando os ossos, e o chiar da guimba no fundo do copo. Seus passos ágeis até o banheiro, o giro úmido da torneira, o chuveiro aberto. Helena ergue alto cada peça de roupa da qual se despe e as deixa cair ao lado, numa displicência arranjada. O vapor do chuveiro arrasta o perfume de suas roupas até o quarto. Até mim, o seu cheiro. Respiro fundo, quase um suspiro. Imóvel, espero. Sempre do mesmo lado: em silêncio. Ouço a água batendo nos azulejos, lambendo seu corpo, deslizando; o friccionar da toalha sobre sua pele. Tudo é movimento que me arrasta consigo. Sinto quando ela se aproxima por trás de mim. Nua. Seus seios tocam minhas costas, um abraço morno de auréolas rosa intumescidas. Ela faz com que me vire e ficamos de frente um para o outro. Debruçada sobre mim, beija-me na boca; um beijo breve, sincero. Aninha minha cabeça em seus seios. Aperta forte, fundo, dentro, doce; e eu só quero gritar que eu sei, que esqueço, que a quero, que acabou. Ficamos assim, um no outro, até que me falte o ar, até que lhe falem forças. Imploro a um Deus distante, repleto de dúvidas, que aquilo não acabe e que redobre minha fé na esperança para me perder sem pudor: “Dê-me força, dê-me dor, dê-me Helena, senão por mim, por ela. E pelo não dito, liberte os dois, deixando que apenas um se perca.”

Um toque úmido percorre meu corpo junto a um cheiro bom que não o primeiro. Ela me esfrega com pachorra, com vagar, a ponto de o tempo através do qual passo, passar por mim, depressa, sem permissão. Helena é o único relógio que conheço. O único marcador do tempo. Do meu tempo. Do tempo que me dobrou. Uma maldição que remete à vida, vida que não tenho, que não é minha, que não sei se para ou termina. Gotas tépidas caem sobre o meu peito, escorrem pela barriga e molham a cama. Ela segue cada gota, enxuga uma a uma. Paciente. Helena, de algum modo, sabe que estou aqui, que continuo, persisto. De braços, suas unhas arranham de leve minhas costas, deixando linhas vermelhas sobre a pele. Lá fora, o mundo passa pelo tempo, que passa por nós. Fecho os olhos. Aperto forte para não ver; para que não acabe.

Volto a mim com Helena tendo meu rosto entre as mãos. Os dedos seguem os contornos: nariz, boca, olhos, queixo, deixando claro que me vê e que eu a vejo. Sem saber que eu sei, me deixa, me cobre e me aquece; apaga as luzes, desejando boa noite. Como se precisasse.

Rodrigo Marcon

outono/2009